

Recusas não rompem Aliança

JORNAL DE BRASÍLIA

Sarney e "O Príncipe"

Maria Izabel Freitas

Um influente assessor do presidente José Sarney foi surpreendido ontem em uma livraria e, diante da evidência de ter sido reconhecido por um repórter, tratou logo de conversar sobre literatura jurídica — este, aliás, seu tema preferido. Mas como político, não resistiu ao comentário quando, perguntado sobre qual a leitura de cabeceira preferida do Presidente, respondeu de peito aberto: "Pelo rumo atual do governo deve ser, no mínimo, "O Príncipe".

O espremejo do PMDB — evidenciado pela ausência do líder do governo, Pimenta da Veiga, à reunião ministerial; pela recusa do deputado Ulysses Guimarães de representar o governo na posse de Mário Soares em Portugal, e a declaração de independência do senador Fernando Henrique Cardoso ao formalizar seu afastamento da liderança do governo no Congresso — está sendo digerido pelo presidente José Sarney maquiavelicamente.

Segundo seu assessor, não é o mau-humor de Ulysses Guimarães, nem os rompantes de Pimenta da Veiga que podem azedar, ainda mais, a Aliança Democrática. Sabe o Presidente, por experiência própria, que todos os caminhos são válidos em um ano eleitoral. O presidente do PMDB tem o apoio de Sarney para sua reeleição no cargo e o líder do partido possui, em Minas Gerais, o braço e o ombro direitos do governador Hélio Garcia.

Com os dois postos-chaves do PMDB ocupados por Ulysses e Pimenta da Veiga, sabe o presidente da República que a sustentação ao seu governo estará garantida, ainda

que o partido rejeite um alinhamento automático com a Frente Liberal, muito à direita para o gosto dos progressistas. O presidente Sarney não só respeita, como deseja, uma aproximação maior com a chamada "esquerda independente". Não exatamente por índole, temperamento ou escolha pessoal, mas unicamente por dois bons motivos: a linha econômica do governo está entregue ao PMDB e, se não der certo, a insatisfação da sociedade desaguará à porta do Palácio da Guanabara, onde o governador Leonel Brizola espera, desde já, de braços abertos, tantos quantos forem os descontentes da Aliança Democrática.

Exatamente neste ponto que se concentra a leitura mais atenta de José Sarney aos princípios de Maquiavel. Como seus auxiliares mais próximos, tratou o Presidente de formar uma equipe pessoal, como ministros de linha conservadora. No âmbito parlamentar, porém, José Sarney tentará aproximar-se, mais e mais, daqueles progressistas que ameaçam engordar as fileiras do PDT. Segundo seu assessor, o Presidente está preparado para eventuais defecções, como é o caso do ministro do Trabalho, Almir Pazianotto, que está prestes a não resistir à sedução de Leonel Brizola. O trunfo do presidente Sarney, neste caso, já está engatilhado no seu colete: Airton Soares, um peemedebista recente, e historicamente ligado ao impetuoso Partido dos Trabalhadores, também não resistiria à tentação de assomir o Ministério do Trabalho.

O presidente José Sarney, segundo sentença seu assessor, encontrou novos atrativos no PMDB, uma solução razoável para quem não deseja perder a namorada.

O senador Fernando Henrique Cardoso rejeitou o convite para integrar a comitiva do presidente José Sarney na viagem a Ribeirão Preto, amanhã, quando seu nome já constava do programa elaborado pelo Gabinete Militar na relação de convidados especiais, juntamente com o do senador Severo Gomes e nove deputados paulistas, entre os quais o presidente do PFL no Estado, Herbert Levy.

O porta-voz da Presidência, Fernando César Mesquita, não quis comentar o motivo da recusa, mas procurou minimizá-la, alegando que não faltarão companhias para Sarney. "O Presidente tem o amor e o calor da população: aonde quer que chegue, ele é muito aplaudido e recebe muitas provas de amor e carinho", argumentou ele.

Sarney sairá de Brasília às 8 horas, permanecendo 5 horas e 40 minutos em Ribeirão Preto. Nesse período, concederá audiências a prefeitos da região, empresários, trabalhadores e sindicalistas rurais e industriais e manterá encontros com o governador Franco Montoro e parlamentares. O Presidente e comitiva almoçarão na Sociedade Recreativa de Esportes de Ribeirão Preto, antes de retornar a Brasília, com chegada prevista para as 16h15.

Atitudes justificadas

Os convites feitos pelo presidente Sarney a figuras importantes do PMDB continuam sendo recusados. A primeira recusa foi de Pimenta da Veiga (MG), líder do partido na Câmara dos Deputados, que não participou da reunião ministerial. Agora, mais duas recusas foram anunciadas: Ulysses Guimarães não vai a Lisboa representar o governo brasileiro na posse do presidente eleito de Portugal, Mário Soares e Fernando Henrique Cardoso, ainda líder do Governo no Congresso, não embarca amanhã com o presidente da República na viagem a Ribeirão Preto (SP).

Aparentemente, as recusas de Ulysses Guimarães e Fernando Henrique Cardoso têm justificativa. Ulysses deve estar aqui na próxima semana, quando seu partido escolhe um novo presidente e ele é candidato à recondução no cargo. Fernando Henrique, segundo o porta-voz da Presidência da República, também pode se justificar. Ele foi incluído na comitiva que vai ao interior paulista porque "é praxe" nas viagens, incluir parlamentares dos Estados visitados e quem faz a lista de convidados é o Gabinete Militar. Ou seja, não houve consulta prévia e o senador já assumira compromissos anteriormente. Fernando César Mesquita, o porta-voz, no seu briefing de ontem deu essas explicações e ainda informou que o presidente José Sarney "onde tem ido recebe manifestações calorosas de carinho e apoio do povo". Isto é, o presidente Sarney não tem nenhum motivo para sentir carência afetiva apesar das recusas de seu partido.

Uso Externo

Essas recusas devem perdurar um certo tempo. E ainda o rescaldo da crise pela escolha ministerial e não encontra apoio em todo o partido. Líderes importantes como Carlos Wilson, deputado pernambucano que está servindo de conciliador da crise e Dante de Oliveira, "o homem das diretas", só para citar dois exemplos, estão de acordo em sanar a crise o mais rápido possível. Dante quer que o partido assuma sua posição de partido governista, e passe a exigir do presidente Sarney o cumprimento das promessas feitas pela Aliança Democrática em praça pública, enquanto Carlos Wilson acredita que a sobrevivência do partido como porta-bandeira das transformações depende do comportamento do PMDB em exigir essas transformações.

Observando tudo isso, assessores diretos do presidente José Sarney classificam a crise de "remédio para uso externo" e, por essa razão, com tendência a amainar nos próximos dias. A explicação desses assessores é a seguinte: se o PMDB, como um todo, rompe com o governo, seus espaços serão ocupados pela Frente Liberal, o que seria catastrófico no ano eleitoral. Isso, levando em conta apenas o lado político. Além dessa explicação, lembram esses assessores, os históricos do partido, não têm condições políticas de abandonar o PMDB e entrar em outra sigla. Também por essa razão, tão forte quanto a outra, caso haja ruptura, apenas um terço do partido não apoiará o Presidente, podendo ingressar nas fileiras de grupos que começam a se formar.